

Um olhar sobre a obra *Portugal como problema*

FILIPA MARIA VALIDO VIEGAS DE PAULA SOARES

Universidad Autónoma de Madrid y Centro de Língua Portuguesa do Instituto Camões de Madrid

O estudo que pretendemos aqui iniciar não visa efectuar uma análise crítica sobre a obra *Portugal como problema* mas apenas incentivar à leitura de uma obra que constitui, desde o nosso humilde ponto de vista, uma obra de referência sobre a questão do ser português.

Ao longo dos séculos surge muitas vezes a interrogante sobre quem fomos, quem somos e para onde vamos. Por outro lado, num mundo cada vez mais globalizado, onde a informação se processa de maneira vertiginosa, parece que apenas projectamos o nosso olhar para o futuro, esquecendo que a forma de perspectivar as nossas acções presentes acarretam decisões passadas e condicionam as coordenadas futuras.

Trata-se de um conjunto de seis livros que mantendo uma correlação entre elas permitem um estudo autónomo entre si. Este estudo visa imbuir os portugueses de um sentimento de portugalidade através do olhar da elite intelectual portuguesa desde os princípios da nacionalidade até aos nossos dias e, deste modo, apreender a forma como os nossos antecessores foram construindo, idealizando e, por vezes, criticando a construção e projecção da identidade nacional.

É uma obra fascinante e ambiciosa porque abarca toda a História de Portugal, recuando um pouco mais além do início da nacionalidade no século XII, ao apresentar excertos documentais de Osório de Braga onde se perfilam aspectos culturais que serviram de molde a uma fase embrionária desta nova nação germinante. Em Osório de Braga encontramos uma visão futurizante de uma das características mais marcantes do que virá a ser definido como ser português: o humanismo universalista, uma concepção ecuménica do estar no mundo, tão bem concebida e projectada posteriormente pelo padre António Vieira durante o século XVII. Fascinante se torna esta visualização da universalidade do povo luso: nascer pequeno para se projectar no exterior e morrer grande, condição *sine qua non* da sua identidade nacional, peregrino da sua própria condição, que acaba por se ver condenado pelo seu estatuto que o afasta do caminho da modernidade e o condena à derrota caso não consiga abandonar essa sua viagem messiânica atlântica e se não souber estar ao lado dos grandes da Europa.

Veja-se a este propósito os textos de Luís António Vernei (séc. XVIII) ou os manuscritos oitocentistas que vão acentuar a consciência de decadência nacional e a fissura cada vez mais acentuada em relação a uma Europa transpirenaica. Este vai ser o século onde se reequaciona a identidade nacional e, principalmente, a imagem de um país que se quer moderno e Alexandre Herculano é quem vai efectuar o tiro de misericórdia a uma nação predestinada ao sucesso por providência divina.

A construção de um Quinto Império, preconizado por António Vieira e anelado por Fernando Pessoa, encarna a corrente de pensamento nacional associada à génese de um espírito mítico nacional de teor sebastianista e vivência saudosista. Identidade nacional avessa “às exigências racionalistas, de preferência seguindo a intuição”¹.

Frequentemente analisamos a situação portuguesa como estando à beira de um precipício onde o sentimento de decadência aglutina toda a realidade social, política, económica e histórica. A oscilação vigente entre a incapacidade por parte das instituições governamentais para gerir com apuro o País ou as forças externas que em momento de

¹ Expressão de Vitorino Magalhães Godinho, retirada do ensaio “Globalização e identidade”, publicado no *JL Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 947, de 17 a 30 de Janeiro de 2007, pp. 34-37.

debilidade nacional pressionam e exploram a fraqueza da Nação em nada conduzem a uma situação de amparo, fortalecimento e orgulho interno.

A situação deambulante entre estes dois pólos demonstra por um lado uma capacidade de adaptabilidade extrema com os demais, mas também por vezes uma incapacidade de superação ante os obstáculos surgidos ou inércia perante as dinâmicas já acomodadas.

Todos nós, portugueses, temos uma imagem do que é ser português, imagem herdada, projectada, ano após ano, século após século, como se de uma história geracional se tratasse, uma história de família que nos une e que é indestrutível, impassível de mudança porque afinal somos um “Povo de brandos costumes”. Aparentemente custa-nos mudar e os textos apresentados assim o demonstram. Na nossa História tudo se processa tão paulatinamente que o tempo parece discorrer mais devagar que no resto do mundo. Somos um povo que nasceu para ser grande no exterior, para isso estava predestinado desde o princípio da nacionalidade, mas não será agora o momento de pararmos e reflectirmos realmente para onde queremos ir? Não será este o momento de abandonar o epíteto de “Vencidos da vida” porque nada podemos fazer para alterar o rumo da História?

Mas para que serve alcançar objectivos ambiciosos se desconhecemos o nosso passado? Reflectir sobre o nosso ser é a melhor forma de progredirmos e avançarmos neste mundo.

Nove séculos de História não podem ser banalizados indiferentemente. Nove séculos de História atribuem-nos um poder inestimável de autoridade e de união que deve ser valorizado numa Europa em crise e onde alguns estados-membros se desmembram ou para lá caminham apressadamente. Talvez a nossa mais-valia consista nessa capacidade de autocritica contínua, embora também seja importante (re)vermos e ou (re)conhecermos-nos na nossa História, aquela que nos é narrada pelos nossos e que nos cantaram ao longo dos séculos. Nos seus textos podemos encontrar os atributos da nossa Pátria, os positivos e os negativos, e assimilando aqueles e estes poderemos avançar, só assim se poderá “saber com que forças se conta para afeiçoar o futuro aos nossos grandes propósitos”².

Poder discorrer ao longo dos tempos por uma história tão intensa e longa deve ser encarada como um privilégio, além de constituir uma característica peculiar idiossincrática da nossa identidade nacional.

Este é o projecto que esta colecção de seis volumes apresenta: incentivar à descoberta de Portugal através dos textos que fizeram a História, delinear futuros possíveis através do conhecimento do passado, não só a nível político, mas também a nível social, económico e cultural. Quer isto dizer que em muito ajudará “à definição do futuro saber como foram os “actores” que nos precederam e que, em larga medida, conformaram o que hoje somos”³.

Os quatro primeiros volumes, sob a direcção do professor doutor Pedro Calafate, adoptam uma óptica de análise sócio-cultural; enquanto que os dois últimos volumes, dirigidos pelo professor doutor José Luís Cardoso, centram a sua orientação numa perspectiva económico-financeira. É, sem dúvida, um ambicioso trabalho que pretende conduzir os Portugueses e todos os lusófilos a reflectirem sobre Portugal.

É um trabalho onde se expõe sincronicamente a consciência histórica de um povo e como os quadros possíveis de alternativa se vão sucedendo de acordo com o momento histórico vivido de forma a nunca perder a sua identidade nacional. Como afirma um dos autores desta colectânea:

“A leitura e a interpretação da história supõem contextos teóricos e doutrinários dependentes de concepções do mundo, razão por que, muitas vezes, a mudança dos esquemas de leitura e interpretação

² Afirmação de Luís Valente de Oliveira no preâmbulo à obra *Portugal como Problema*, com organização editorial de Pedro Calafate e publicado em parceria pela Fundação Luso-Americana e o jornal *Público*.

³ *Ibid.*

determina crises morais acentuadas, mas que contribuem, por seu lado, para o inegável enriquecimento da cultura, neste casos, da nossa cultura, que por esta via é condição de alargamento do horizonte de possibilidades do pensamento e da acção dos Portugueses”⁴.

Assim sendo, a obra frisa a importância do modo como nos fomos projectando ao longo da História e como, simultaneamente, esta foi a via de irmos implementando o nosso pensamento, o qual constitui o expoente máximo da Cultura Portuguesa.

A construção de imagens passadas e presentes que se foram digitalizando na nossa memória contribuem à construção de um vasto campo de manobra reflexiva que merece ser aprofundado e analisado. A forma como foi sendo problematizada pela elite intelectual nacional a projecção dos nossos “símbolos, mitos, sonhos, crenças e descrenças”⁵ revela o modo como sempre fomos capazes, apesar de tentados a desistir, de encaminhar o nosso rumo a um dinamismo orientado a um caminho todavia por percorrer.

Apenas um último apontamento relativo à estrutura da obra. Este conjunto de seis volumes expõe as vozes daqueles que viveram em primeira pessoa o momento histórico que lhes correspondeu, as linhas de pensamento aqui transmitidas, de ontem e de hoje, permitem-nos descobrir momentos de uma continuidade descontínua que traduzem a essência do ser português.

Portugal, esse País, que teve a coragem de rasgar a homogeneidade da Península Ibérica, integra-se perfeitamente na sua condição plural de estar no mundo.

Bibliografia

CALAFATE, P. (organização editorial): *Portugal como Problema, Séculos V-XVI. A Afirmação de um Destino Colectivo*, vol. I. Lisboa, Fundação Luso-Americana e Público, 2006.

— *Portugal como Problema, Séculos XVII e XVIII. Da Obscuridade Profética à Evidência Geométrica*, vol. II. Lisboa, Fundação Luso-Americana e Público, 2006.

— *Portugal como Problema, Séculos XIX. A Decadência*, vol. III. Lisboa, Fundação Luso-Americana e Público, 2006.

— *Portugal como Problema, Século XX. Os Dramas da Alternativa*, vol. IV. Lisboa, Fundação Luso-Americana e Público, 2006.

CARDOSO, J. L.: *A Economia como Solução, 1625-1820. Do Mercantilismo à Ilustração*, vol. V. Lisboa, Fundação Luso-Americana e Público, 2006.

— *A Economia como Solução, 1821-1974. Da Revolução Liberal à Revolução Democrática*, vol. VI. Lisboa, Fundação Luso-Americana e Público, 2006.

⁴ CALAFATE, P.: “Introdução geral aos quatro primeiros volumes”, in CALAFATE, P. (organização editorial): *Portugal como Problema*, vol. I. Lisboa, Fundação Luso-Americana e Público, 2006, p. 23.

⁵ *Ibid.*, p. 24.